

o  
cinema de  
Hirokazu

是枝

# Kore·eda

**Banco do Brasil** apresenta e patrocina

o

cinema de  
Hirokazu

Kore·eda

星枝

IDEALIZAÇÃO

*Raquel Gandra, Julio Bezerra, Jaiê Saavedra,  
José de Aguiar e Marina Pessanha*

**FIRULA**

2025

# • Sumário

	<b>• Kore-edo e o Cinema Japonês</b>
20	<i>Além de Ozu e Loach: Kore-edo Hirokazu no cinema japonês e mundial</i> • Marc Yamada
49	<i>Hirokazu Kore-edo: uma súmula</i> • Cacau Ideguchi
	<b>• Onde tudo começou - Kore-edo por ele mesmo</b>
62	<i>A juventude e o fracasso (1989-1991)</i> • Hirokazu Kore-edo
88	<i>Um mundo em tons de cinza</i> • Hirokazu Kore-edo
	<b>• A morte, a ausência, o tempo e a memória</b>
126	<i>Cultivando o Eu no Outro em Sem memória (1996), de Hirokazu Kore-edo</i> • Nathan Senn
130	<i>Maborosi (1995), de Hirokazu Kore-edo: mostrar apenas o que é necessário</i> • Donald Richie
142	<i>Maborosi - Kore-edo consegue fazer a passagem da morte para a vida</i> • Walter Salles
144	<i>Como o cinema lembra: Depois da vida (1998)</i> • Kristi Irene McKim

	<b>• Entre a ficção e o documentário</b>
152	<i>Do documentarista ao diretor-roteirista</i> • Célia Maki Tomimatsu
156	<i>A estruturação do cotidiano no enredo de Segundo em frente (2008)</i> • Mari Sugai
	<b>• A infância e a família</b>
178	<i>A infância da solidão em Hirokazu Kore-edo</i> • Julio Roberto Groppa Aquino
189	<i>O que eu mais desejo (2011), de Hirokazu Kore-edo</i> • MaoHui Deng
193	<i>Ainda aprendendo</i> • Kelley Dong
198	<i>Nossa irmã mais nova (2015)</i> • Linda C. Ehrlich
	<b>• Figuras masculinas e paternas</b>
206	<i>Reimaginando corpos masculinos em Hana, Pais e filhos e O terceiro assassinato</i> • Marc Yamada
	<b>• Outros aspectos</b>
232	<i>Família</i> • Hernani Heffner
237	<i>Pais e filhos (2013)</i> David Bordwell

<sup>1</sup> Publicado originalmente em EHRLICH, Linda C. *The Films of Kore-eda Hirokazu An Elemental Cinema*. Palgrave Macmillan, 2020, pp. 173-178. Tradução de Julio Bezerra.

<sup>2</sup> O comentário do diretor Kore-eda para este filme, intitulado *Machi to jikan* (Cidade e Tempo), está incluído no "mukku" sobre Hirokazu Kore-eda, nas páginas 258-259. Ele comenta como as pessoas vão e vêm como ondas, e como suas vidas são como grãos de areia na praia. De maneira um tanto melancólica, observa que ele próprio é apenas mais um desses grãos de areia.

# Nossa irmã mais nova (*Umimachi diari*, 2015)<sup>1</sup>

Linda C. Ehrlich

O verdadeiro protagonista deste filme é como o tempo engole tanto o passado quanto o futuro. (*Comentário do diretor*)<sup>2</sup>

## FAMÍLIA

Adaptado do mangá *Umimachi Diary*, de Yoshida Akimi, este filme nos apresenta às irmãs Koda: Sachi (Ayase Haruka), Yoshino (Nagasawa Masami) e Chika (Kaho), que vivem na casa da avó e mais tarde recebem a meia-irmã de 13 anos, Suzy (Hirose Suzy).<sup>3</sup> Suzy brinca que a casa delas "é como um dormitório feminino", com laços fortes de afeto. (Suzy vivia em Sendai com o pai em comum e sua mãe instável, antes de ser convidada a morar com as meias-irmãs.) Essa família incomum cria suas próprias tradições: fazer licor de ameixa a partir de uma árvore de 55 anos; comprar frutas umas para as outras quando um namoro termina; caminhar juntas pela praia...

Sachi, a mais velha, é enfermeira e assume a maior parte das responsabilidades com as irmãs. Yoshino, a irmã do meio, trabalha em um banco e tende a ser mais impulsiva com homens e bebidas. Chika, a mais nova das três, trabalha em uma loja de artigos esportivos e é a mais excêntrica. Suzy é estudante do ensino fundamental, séria com os estudos e dedicada aos esportes.

As quatro irmãs de *Nossa irmã mais nova* remetem às quatro irmãs de *Sasameyuki* (*As irmãs Makioka*, pu-

blicado entre 1943 e 1948), do grande romancista Tanizaki Jun'ichirō, cuja impressionante adaptação cinematográfica foi realizada por Ichikawa Kon em 1983. Cada uma das irmãs Makioka tem uma personalidade distinta, marcada por um apego ao passado — ou uma rebeldia contra ele: Tsuruko (Kishi Keiko), a rígida filha mais velha e guardiã do patrimônio da família (com seu "marido adotivo" [mukoyōshi] Tatsuo [Itami Jūzō]); Sachiko (Sakuma Yoshiko), a segunda filha mais dócil, casada com seu marido adotivo Teinosuke (Ishizaka Kōji); Yukiko (Yoshinaga Sayuri), a terceira filha, tímida porém determinada, ultrafeminina, cujos arranjos de casamento (*omiai*) formam o centro da história; e a caçula Taeko (Kotegawa Yūko), cujas tendências modernas chocam-se com o conservadorismo enraizado da família.<sup>4</sup> Lembrei-me particularmente do filme de Ichikawa porque *Nossa irmã mais nova* também inclui uma lírica "cena de passeio" sob as *sakura* (cerejeiras), como aquela que Ichikawa oferece (acompanhada por música de Handel). Na verdade, Sachi e Yoshino lembram, em certa medida, as irmãs Makioka Yukiko e Taeko, respectivamente.

Em *As irmãs Makioka*, os pais da família estão mortos. Já em *Nossa Irmã Mais Nova*, a mãe (Shinobu Otake) das três irmãs mais velhas vive atualmente em Hokkaido, longe dali, e não voltou há 14 anos. Mesmo quando visita, ela se mantém distante da casa. Sachi (que está afastada da mãe) vai ao túmulo da avó junto com ela e sente um início de reconciliação. Essa cena de visita ao túmulo (*ohakamairi*) remete a dois momentos semelhantes e marcantes em *Seguindo em frente* (Aruitemo Aruitemo, 2008). A atriz Kiki Kirin oferece mais uma performance aguda como a tia-avó idosa da família, que critica o modo de vida das quatro irmãs.

Aprender a superar a amargura em relação a pais que falharam como pais é um tema recorrente em *Ninguém pode saber* (Dare mo Shiranai, 2004), *Seguindo em frente*, *Depois*

<sup>3</sup> O diretor recebeu autorização da autora original para ampliar a história com novos detalhes. O roteiro foi desenvolvido (como muitos de seus roteiros) a partir da observação da interação entre os atores. *Umimachi Diary* é um mangá josei (romance para mulheres jovens) que foi serializado na revista *Monthly Flowers*, da editora *Shogakukan*, durante um longo período: de agosto de 2006 a agosto de 2018. A autora, Yoshida Akimi, também criou as ilustrações de tom suave presentes na obra.

<sup>4</sup> Mukoyōshi é o nome dado ao homem que se casa com uma mulher de família (geralmente rica) quando não há herdeiros do sexo masculino.

5 A.O. Scott, "Our Little Sister, or What We Found at Dad's Funeral," The New York Times, 7 de julho de 2016.

6 Exemplos de monogatari incluem Genji Monogatari (O Conto de Genji), considerado o primeiro "romance" do mundo; já mencionado Taketori Monogatari, e o uta monogatari do período Heian chamado Ise Monogatari, uma coleção de poemas waka interligados por narrativas. Embora não sejam isentos de elementos de enredo, os monogatari possuem uma natureza fluida e episódica, que geralmente não alcança um fechamento definitivo.

*da tempestade* (Umi yori mo mada fukaku, 2016), *Tão distante* (Boku no Kyori, 2001) e *Assunto de família* (Manbiki Kazoku, 2018). Embora muito menos austero, *Nossa irmã mais nova* compartilha com *Ninguém pode saber* e *Assunto de família* a ideia de crianças negligenciadas.

## MONOGATARI

O crítico de cinema A. O. Scott descreve o estilo narrativo de *Nossa irmã mais nova* como "uma trama episódicamente enganosa".<sup>5</sup> Comparando o filme a um conto de Tchékhov, Scott observa como o longa de Kore-eda "adquire impulso e peso dramático por meio de uma espécie brilhante de furtividade narrativa". Como em muitos filmes de Kore-eda, é a acumulação de detalhes — muitos dos quais parecem cotidianos e relativamente sem importância — que gera um efeito surpreendentemente poderoso. O estilo narrativo fluido e episódico deste filme tem mais em comum com uma forma clássica japonesa chamada *monogatari* do que com o modelo hollywoodiano de narrativa com ação crescente, catarse e fechamento.<sup>6</sup>

Em seu comentário de diretor, Kore-eda observa que, na maioria dos filmes desse gênero, haveria uma "maçã podre" entre as três irmãs — uma irmã sendo zombada pelas outras duas, ou uma personagem como Suzu fugindo de casa, e assim por diante. Ele decidiu não seguir esse caminho. "Tudo que está vivo exige tempo e esforço" — uma frase do filme que se reflete no ritmo compassado e no fluxo singular da narrativa.

A dona gentil de um restaurante de frutos do mar no bairro, Ninomiya Sachiko (Fubuki Jun), morre de câncer, mas seu parceiro e co-proprietário Fukuda Senichi (Lily Franky) promete manter vivas suas receitas especiais.

Kore-eda destaca que os poucos eventos verdadeiramente dramáticos em *Nossa irmã mais nova* — como a morte de Ninomiya ou a decisão de Sachi de buscar uma nova meta profissional — embora transformadores, não são enfatizados de forma direta.

## AR

Um amigo do ensino fundamental que tem uma queda por Suzu, Tomoaki (Sakaguchi Kentarō), a leva de surpresa para um passeio de bicicleta por uma estrada ladeada por gloriosas fileiras de cerejeiras em flor.<sup>7</sup> Esses dois jovens — ambos marcados pelo sentimento de rejeição por pelo menos um dos pais — formam um vínculo com potencial de cura. Embora ainda seja apenas um garoto, Tomoaki representa um novo modelo de masculinidade no universo cinematográfico de Kore-eda — um jovem (como Soza, em *Hana*) que é ao mesmo tempo atencioso e imaginativo.

As sakura (flores de cerejeira) são símbolo, para os japoneses, da efemeridade do tempo (como ilustra o poema clássico abaixo), mas também podem evocar *yutakasa* (abundância), como nesse passeio de bicicleta rumo a um paraíso de cerejeiras brevemente em flor.

*Crepúsculo da primavera  
se acumula na vila da montanha  
À medida que me aproximo  
as flores de cerejeira se espalham  
ao som do sino do templo ao entardecer.  
— monge Noin<sup>8</sup> (998-1050)*

7 A bicicleta — objeto de memória dolorosa em Maborosi — torna-se aqui um veículo que simboliza possibilidade e felicidade.

8 Yamazato no / haru no yūgure / kite mireba / iriai no kane ni / hana zo chirikeri. De Kenneth Rexroth, One Hundred More Poems from the Japanese (Nova York, NY: New Directions, 1976), p. 45. Esse poeta, nascido como Tachibana no Nagayasu, foi inicialmente um oficial menor e depois tornou-se monge.

9 Kevin Turan, "Cannes: Hirokazu Kore-eda Deftly Explores Family in Our Little Sister," *Los Angeles Times*, 14 de maio de 2015.

## FOGO

Numa cena tardia de *Nossa irmã mais nova*, o reflexo dos fogos de artifício no oceano de verão, tingido de vermelho, revela o florescimento de um amor juvenil. Suzu troca o uniforme de futebol por um *yukata* de verão com *obi* vermelho. As outras irmãs também vestem seus *yukata*, em harmonia com ela, e se reúnem no jardim em torno de pequenas faíscas de fogos manuais — uma cena de uma família extensa e singular celebrando um *natsu matsuri* (festival de verão ao entardecer).

Neste filme de Kore-eda, a morte é tratada com leveza, em contraste com a abordagem mais densa em *Maborosi* (*Maboroshi no hikari*, 1995) ou mesmo em *Depois da vida* (*Wandafuru Raifu*, 1998). *Nossa irmã mais nova* começa com uma cena de funeral (em Yamagata, do pai ausente há 15 anos na vida das três irmãs mais velhas) e termina com outro, continuando assim o entrelaçamento entre vida e morte que é recorrente nos filmes de Kore-eda. Como observa, com sensibilidade, o crítico Kevin Turan, do *Los Angeles Times*, os filmes de Kore-eda são "meditações delicadas, naturais e profundamente humanas sobre o que significa estar vivo."<sup>9</sup>